

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO X

JANEIRO DE 1867

N.º 1

Aos Nossos Correspondentes

Para a maioria dos nossos correspondentes da França e do estrangeiro, a época de renovação das assinaturas, em 1.º de janeiro, é, como todos os anos, ocasião para nos darem novos testemunhos de simpatia, que nos tocam profundamente.

Na impossibilidade material em que estamos de responder a todos, pedimos-lhes recebam aqui a expressão de nossos sinceros agradecimentos e da reciprocidade de nossos votos. Ficai certos de que não esquecemos, em nossas preces, nenhum daqueles, encarnados ou desencarnados, que a nós se recomendam.

Os testemunhos que houveram por bem nos dar são, para nós, poderoso encorajamento e suaves compensações que facilmente nos fazem esquecer as penas e fadigas do caminho. E como não as esqueceríamos, quando vemos a Doutrina crescer incessantemente, superar todos os obstáculos e cada dia nos trazer novas provas dos benefícios que espalha! Agradecemos a Deus o insigne favor que nos concede de testemunhar seus primeiros sucessos e entrever o seu futuro. Nós lhe pedimos que nos dê as

forças físicas e morais necessárias para realizar o que nos resta fazer, antes de voltar ao mundo dos Espíritos.

Aos que têm a bondade de fazer votos pelo prolongamento de nossa permanência na Terra, no interesse do Espiritismo, diremos que ninguém é indispensável para a execução dos desígnios de Deus; o que fizemos outros o poderiam ter feito e o que não pudemos fazer, outros o farão; assim, quando lhe aprouver chamar-nos, ele saberá prover à continuação de sua obra. Aquele que for chamado a lhe tomar as rédeas cresce na sombra e se revelará quando for o tempo, não por sua pretensão a uma supremacia qualquer, mas por *sens atos*, que o assinalarão à atenção de todos. Neste momento, ele próprio o ignora e é útil, por enquanto, que se mantenha à margem.

O Cristo disse: “Aquele que se exaltar será rebaixado.” É, pois, entre os humildes de coração que será escolhido, e não entre os que quiserem elevar-se por sua própria autoridade e contra a vontade de Deus; esses apenas colherão vergonha e humilhação, porque os orgulhosos e os presunçosos serão confundidos. Que cada um traga a sua pedra ao edifício e se contente com o papel de simples obreiro. Deus, que lê no fundo dos corações, saberá dar a cada um o justo salário de seu trabalho.

A todos os nossos irmãos em crença diremos: “Coragem e perseverança, porque se aproxima o momento das grandes provas. Fortalecei-vos nos princípios da doutrina e deles penetrai-vos cada vez mais; alargai as vossas vistas; elevai-vos pelo pensamento acima do círculo limitado do presente, de maneira a abarcar o horizonte do infinito; considerai o futuro e, então, a vida presente, com seu cortejo de misérias e decepções, vos aparecerá como um ponto imperceptível, como um minuto doloroso que logo não deixará mais traços na lembrança; as preocupações materiais parecem mesquinhas e pueris, ao lado dos esplendores da imensidade.”

Ditosos os que colherem na sinceridade de sua fé a força de que necessitarão: esses bendirão a Deus por lhes ter dado a luz; reconhecerão sua sabedoria nas suas vistas insondáveis e nos meios, sejam quais forem, que emprega para sua realização. Marcharão através dos escolhos com a serenidade, a firmeza e a confiança que dá a certeza de atingir o porto, sem se deter nas pedras que machucam os pés.

É nas grandes provas que se revelam as grandes almas; é, também, quando se revelam os corações verdadeiramente espíritas, pela coragem, a resignação, o devotamento, a abnegação e a caridade sob todas as suas formas, de que dão exemplo. (Vide o artigo do mês de outubro de 1866: “Os tempos são chegados”).

Olhar Retrospectivo sobre o Movimento Espírita

Não resta dúvida a ninguém, tanto para os adversários quanto para os partidários do Espiritismo, que esta questão, mais que nunca, agita os espíritos. Será esse movimento um fogo de palha, como alguns fingem dizer? Mas esse fogo de palha já dura quinze anos e, em vez de se extinguir, sua intensidade só faz aumentar de ano para ano. Ora, não é este o caráter das coisas efêmeras e que só se dirigem à curiosidade. O último levante com que esperavam sufocá-lo apenas o reavivou, superexcitando a atenção dos indiferentes. A tenacidade desta idéia nada tem que possa surpreender quem quer que haja sondado a profundidade e a multiplicidade das raízes pelas quais se liga aos mais graves interesses da Humanidade. Os que se admiram apenas viram a superfície; a maioria só o conhece de nome, mas não lhe compreendem o objetivo, nem o alcance.

Se uns combatem o Espiritismo por ignorância, outros o fazem precisamente porque lhe sentem toda a importância,

presentem o seu futuro e nele vêem um poderoso elemento regenerador. Há que se persuadir de que certos adversários estão perfeitamente convertidos. Se estivessem menos convencidos das verdades que ele encerra, não lhe fariam tanta oposição. Sentem que o penhor de seu futuro está no bem que faz. Fazer ressaltar esse bem aos seus olhos, longe de os acalmar, é aumentar a causa de sua irritação. Tal foi, no século XV, a numerosa classe de escritores copistas, que de bom grado teriam queimado Gutemberg e todos os impressores. Não seria demonstrando os benefícios da imprensa, que os ia suplantar, que os teria apaziguado.

Quando uma coisa está certa e é chegado o tempo de sua eclosão, ela marcha a despeito de tudo. A força de ação do Espiritismo é atestada por sua persistente expansão, malgrado os poucos esforços que faz para se expandir. Há um fato constante: *os adversários do Espiritismo consumiram mil vezes mais forças para o abater, sem o conseguir, do que seus partidários para o propagar.* Ele avança, por assim dizer, só, semelhante a um curso d'água que se infiltra através das terras, abre uma passagem à direita, se o barram à esquerda, e pouco a pouco mina as pedras mais duras, acabando por fazer desabarem montanhas.

Um fato notório é que, *em seu conjunto*, a marcha do Espiritismo não sofreu nenhuma interrupção; ela pôde ser entravada, reprimida, retardada em algumas localidades por influências contrárias; mas, como dissemos, a corrente, barrada num ponto, aparece em cem outros; em vez de correr em abundância, divide-se numa porção de filetes. Entretanto, à primeira vista, dir-se-ia que sua marcha é menos rápida do que foi nos primeiros anos. Deve-se concluir que o abandonam? que encontra menos simpatia? Não; mas simplesmente que o trabalho que ele realiza neste momento é diferente e, por sua natureza, menos ostensivo.

Como já dissemos, desde o começo o Espiritismo ligou a si todos os homens nos quais estas idéias estavam, de certo modo,

no estado de intuição. Bastou-lhe apresentar-se para ser compreendido e aceito. Imediatamente recolheu por toda parte onde encontrou o terreno preparado. Uma vez feita essa primeira colheita, restavam os terrenos incultos, que reclamavam mais trabalho. É agora através das opiniões refratárias que se deve fazer a luz, e é o período em que nos encontramos. Semelhante ao mineiro que retira sem esforço as primeiras camadas de terra móvel, chegou à rocha que é preciso rebentar e no seio da qual só pouco a pouco pode penetrar. Mas não há rocha, por mais dura que seja, que resista indefinidamente a uma ação dissolvente contínua. Sua marcha é, pois, ostensivamente menos rápida, mas se, num dado tempo, não congrega tão grande número de adeptos francamente confessos, não abala menos as convicções contrárias, que caem, não de um golpe, mas pouco a pouco, até que a brecha esteja feita. É o trabalho a que assistimos, e que marca a fase atual do progresso da doutrina.

Esta fase é caracterizada por sinais inequívocos. Examinando a situação, torna-se evidente que a idéia ganha terreno diariamente e se aclimata; encontra menos oposição; riem menos e os mesmos que ainda não a aceitam, começam a lhe conceder foros de cidadania entre as opiniões. Os espíritos já não são mostrados a dedo, como outrora, e vistos como animais curiosos; é o que constata sobretudo os que viajam. Por toda parte encontram mais simpatia ou menos antipatia pela coisa. Não se pode negar que não haja nisto um progresso real.

Para compreender as facilidades e as dificuldades que o Espiritismo encontra em seu caminho, há que se observar a diversidade das opiniões, através das quais deve abrir passagem. Jamais se impondo pela força ou pelo constrangimento, mas só pela convicção, ele encontrou uma resistência mais ou menos grande, conforme a natureza das convicções existentes, com as quais podia assimilar-se mais ou menos facilmente, sendo recebido de braços abertos por umas, e repellido com obstinação por outras.

Duas grandes correntes de idéia dividem a sociedade atual: o espiritualismo e o materialismo. Embora este último forme uma incontestável minoria, não se pode esconder que tomou grande extensão desde alguns anos. Um e outro se fracionam numa porção de nuances, que se podem resumir nas principais categorias seguintes:

1^o – *Os fanáticos de todos os cultos.* – 0.

2^o – *Os crentes satisfeitos*, com convicções absolutas, fortemente decididos e sem restrições, embora sem fanatismo, sobre todos os pontos do culto que professam e com o qual estão satisfeitos. Esta categoria também compreende as seitas que, por terem aberto cisão e operado reformas, se julgam de posse de toda a verdade e, por vezes, são mais absolutas do que as religiões-mãe. – 0.

3^o – *Os crentes ambiciosos*, inimigos das idéias emancipadoras, que lhes poderiam fazer perder o ascendente que exercem sobre a ignorância. – 0.

4^o – *Os crentes pela forma* que, por interesse, simulam uma fé que não têm, e quase sempre se mostram mais rígidos e mais intolerantes que as religiões sinceras. – 0.

5^o – *Os materialistas por sistema*, que se apóiam numa teoria racional e na qual muitos se obstinariam contra a evidência, por orgulho, para não confessar que puderam enganar-se; são, em maioria, tão absolutos e intolerantes em sua incredulidade quanto os fanáticos religiosos em sua crença. – 0.

6^o – *Os sensualistas*, que repelem as doutrinas espiritualistas e espíritas, temerosos de que elas os venham perturbar em seus prazeres materiais. Fecham os olhos para não ver. – 0.

7º – *Os indiferentes*, que só vivem para o hoje, sem se preocupar com o futuro. Em sua maior parte não saberiam dizer se são espiritualistas ou materialistas. Para eles o presente é a única coisa séria. – 0.

8º – *Os panteístas*, que não admitem uma divindade pessoal, mas um princípio espiritual universal, no qual se confundem as almas, como as gotas no oceano, sem conservarem a sua individualidade. Esta opinião é um primeiro passo para a espiritualidade e, por conseguinte, um progresso sobre o materialismo. Embora um pouco menos refratários às idéias espíritas, os que a professam são, em geral, muito absolutos, porque neles é um sistema preconcebido e racional, e muitos não se dizem panteístas senão para não se confessarem materialistas. É uma concessão que fazem às idéias espiritualistas para salvar as aparências. – 1.

9º – *Os déístas*, que admitem a personalidade de um Deus único, criador e soberano senhor de todas as coisas, eterno e infinito em todas as suas perfeições, mas rejeitam todo culto exterior. – 3.

10º – *Os espiritualistas sem sistema*, que, por convicção, não pertencem a nenhum culto, sem repelir nenhum, mas que não têm qualquer idéia fixa sobre o futuro. – 5.

11º – *Os crentes progressistas*, vinculados a um culto determinado, mas que admitem o progresso na religião e o acordo das crenças com o progresso das ciências. – 5.

12º – *Os crentes insatisfeitos*, nos quais a fé é indecisa ou nula sobre os pontos dogmáticos, que não lhes satisfazem completamente a razão, atormentada pela dúvida. – 8.

13º – *Os incrédulos por falta de melhor*, dos quais a maior parte passou da fé à incredulidade e à negação de tudo, por não

terem encontrado, nas crenças com que foram embalados, uma sanção satisfatória para a sua razão, mas nos quais a incredulidade deixa um vazio penoso. Seriam felizes se pudessem enchê-lo. – 9.

14^o – *Os livres-pensadores*, nova denominação pela qual se designam os que não se sujeitam à opinião de ninguém em matéria de religião e de espiritualidade, que não se julgam atrelados pelo culto em que o nascimento os colocou sem o seu consentimento, nem obrigados à observação de práticas religiosas quaisquer. Esta qualificação não especifica nenhuma crença determinada; pode aplicar-se a todas as nuances do espiritualismo racional, tanto quanto à mais absoluta incredulidade. Toda crença eclética pertence ao livre-pensamento; todo homem que não se guia pela fé cega é, por isto mesmo, livre-pensador. A este título os espíritas também são livres-pensadores.

Mas para os que podem ser chamados os radicais do livre-pensamento, esta designação tem uma acepção mais restrita e, a bem dizer, exclusiva; para estes, ser livre-pensador não é apenas crer no que vê: é não crer em nada; é libertar-se de todo freio, mesmo do temor de Deus e do futuro; a espiritualidade é um estorvo e não a querem. Sob este símbolo da emancipação intelectual, procuram dissimular o que a qualidade de materialista e de ateu tem de repulsivo para a opinião das massas e, coisa singular, é em nome desse símbolo, que parece ser o da tolerância por todas as opiniões, que atiram pedra a quem quer que não pense como eles. Há, pois, uma distinção essencial a fazer entre os que se dizem *livre-pensadores*, como entre os que se dizem *filósofos*. Eles se dividem naturalmente em: Livres-pensadores incrédulos, que entram na 5^a categoria – 0; e livres-pensadores crentes, que pertencem a todas as nuances do espiritualismo racional – 9.

15^o – *Os espíritas por intuição*, aqueles nos quais as idéias espíritas são inatas e que as aceitam como uma coisa que não lhes é estranha. – 10.

Tais são as camadas de terreno que o Espiritismo deve atravessar. Lançando uma vista de olhos sobre as diferentes categorias acima, é fácil ver aquelas junto às quais ele encontra um acesso mais ou menos fácil e aquelas contra as quais se choca como a picareta contra o granito. Não triunfará destas senão com a ajuda dos *novos elementos* que a renovação trará à Humanidade: esta é a obra d'Aquele que dirige tudo e que faz surgirem os acontecimentos, de onde deve sair o progresso.

Os números colocados depois de cada categoria indicam aproximadamente a proporção do número de adeptos sobre 10, que cada um fornece ao Espiritismo.

Se se admitir, em média, a igualdade numérica entre estas diferentes categorias, ver-se-á que a parte refratária, por sua natureza, abrange mais ou menos a metade da população. Como ela possui a audácia e a força material, não se limita a uma resistência passiva: é essencialmente agressiva; daí uma luta inevitável e necessária. Mas esse estado de coisas não pode ter senão um tempo, porque o passado se vai e vem o futuro; ora, o Espiritismo marcha com o futuro.

É, pois, na outra metade que o Espiritismo deve ser recrutado, e o campo a explorar é bastante vasto; é aí que deve concentrar seus esforços e que verá seus limites se ampliarem. Entretanto, esta metade ainda está longe de lhe ser inteiramente simpática; ele aí encontra resistências obstinadas, mas não insuperáveis, como na primeira, da qual a maior parte é devida a prevenções que se apagam à medida que o objetivo e as tendências da doutrina forem mais bem compreendidas, e desaparecerem com o tempo. Se nos podemos admirar de uma coisa é que, malgrado a multiplicidade dos obstáculos que ele encontra, das ciladas que lhe armam, tenha ele podido chegar em alguns anos ao ponto em que hoje se encontra.

Outro progresso não menos evidente é o da atitude da oposição. Pondo de lado os ataques violentos lançados de vez em quando por uma plêiade de escritores, *quase sempre os mesmos*, que em tudo só vêem matéria para rir, que ririam mesmo de Deus, e cujos argumentos se limitam a dizer que a Humanidade beira à demência, muito surpreendidos de que o Espiritismo tenha marchado sem sua permissão, é raríssimo ver a doutrina posta em causa numa polêmica séria e sustentada. Em vez disto, como já fizemos notar em artigo precedente, as idéias espíritas invadem a imprensa, a literatura, a filosofia; delas se apropriam sem o confessar, razão por que se vê a todo instante surgir nos jornais, nos livros, nos sermões e no teatro pensamentos que se diriam hauridos na própria fonte do Espiritismo. Por certo seus autores protestariam contra a qualificação de espíritas, mas nem por isso sofrem menos a influência das idéias que circulam e que parecem justas. É que os princípios sobre os quais repousa a doutrina são de tal modo racionais que fermentam numa imensidão de cérebros e transparecem mau grado seu; tocam em tantas questões que, a bem dizer, é impossível entrar na via da espiritualidade sem fazer Espiritismo involuntariamente. É um dos fatos mais característicos que marcaram o ano que acaba de passar.

Disto se deve concluir que a luta acabou? Não, certamente; devemos, ao contrário e mais que nunca, nos manter em guarda, porque teremos que sustentar assaltos de outro gênero; mas, esperando que as fileiras se reforcem e que os passos à frente também sejam ganhos. Guardemo-nos de crer que certos adversários se dêem por vencidos, e de tomar o seu silêncio por uma adesão tácita, ou mesmo por neutralidade. Persuadamo-nos bem de que certas pessoas, enquanto viverem, *jámais* aceitarão o Espiritismo, nem aberta nem tacitamente, como existem as que jamais aceitarão certos regimes políticos. Todos os raciocínios para a ele os levar são impotentes, porque não o querem a nenhum preço; sua aversão pela doutrina cresce em razão do desenvolvimento que ela toma.

Os ataques a céu aberto tornam-se mais raros, porque reconheceram a sua inutilidade; mas não perdem a esperança de triunfar com o auxílio de manobras tenebrosas. Longe de adormecer numa enganosa segurança, mais que nunca é preciso desconfiar dos falsos irmãos que se insinuam em todas as reuniões para espiar e, a seguir, *deturpar* o que aí se diz e se faz; que semeiam sub-repticiamente elementos de desunião; que, sob a aparência de um zelo artificial e por vezes interessado, procuram empurrar o Espiritismo para fora das vias da prudência, da moderação e da legalidade; que provocam em seu nome atos repreensíveis aos olhos da lei. Não tendo conseguido torná-lo ridículo, porque, por sua essência, é uma coisa séria, seus esforços tendem a *comprometê-lo*, para o tornar suspeito à autoridade e provocar contra ele e seus aderentes medidas rigorosas. Desconfiemos, pois, dos beijos de Judas e dos que nos querem abraçar para nos sufocar.

É preciso imaginar que estamos em guerra e que os inimigos estão à nossa porta, prontos para aproveitar a ocasião favorável e que arrebanharão inteligências no próprio lugar.

Que fazer nesta ocorrência? Uma coisa muito simples: fechar-se nos estritos limites dos preceitos da doutrina; esforçar-se em mostrar o que ela é por seu próprio exemplo e declinar toda solidariedade com o que pudesse ser feito em seu nome e que fosse capaz de desacreditá-la, porque não seria este o caso de adeptos sérios e convictos. Não basta dizer-se espírita; aquele que o é de coração o prova por seus atos. Não pregando a doutrina senão o bem, o respeito às leis, a caridade, a tolerância e a benevolência para com todos; repudiando toda violência feita à consciência de outrem, todo charlatanismo, todo pensamento interessado no que concerne às relações com os Espíritos e todas as coisas contrárias à moral evangélica, aquele que não se afasta da linha traçada não pode incorrer em censuras fundadas, nem em perseguições legais; mais ainda: quem quer que tome a doutrina como regra de conduta, não pode senão granjear estima e consideração das pessoas

imparciais. Diante do bem a própria incredulidade zombeteira se inclina e a calúnia não pode sujar o que está sem mancha. É nessas condições que o Espiritismo atravessará as tempestades que serão amontoadas em sua estrada e que sairá triunfante de todas as lutas.

O Espiritismo também não pode ser responsabilizado pelas faltas daqueles a quem agrada se dizerem espíritas, como a religião não o é pelos atos repreensíveis dos que só têm a aparência de piedade. Antes, pois, de fazer cair a censura de tais atos sobre um doutrina qualquer, seria preciso saber se ela contém alguma máxima, algum ensinamento que os possa autorizar ou até os desculpar. Se, ao contrário, ela os condena formalmente, é evidente que a falta é inteiramente pessoal e não pode ser imputada à doutrina. Mas é uma distinção que os adversários do Espiritismo não se dão ao trabalho de fazer; ao contrário, eles se sentem muito felizes por encontrar uma ocasião de o desacreditar com ou sem razão, não se pejando de lhe atribuir o que não lhe pertence, envenenando as coisas mais insignificantes, em vez de lhes buscar as causas atenuantes.

Desde algum tempo as reuniões espíritas vêm sofrendo certa transformação. As reuniões íntimas e de família multiplicaram-se consideravelmente em Paris e nas principais cidades, em razão mesmo da facilidade que acharam em se formar, pelo aumento do número de médiuns e de adeptos. No princípio os médiuns eram raros; um bom médium era quase um fenômeno; era, pois, natural que se agrupassem em torno dele. À medida que esta faculdade se desenvolveu, os grandes centros se fracionaram, como enxames, numa porção de pequenos grupos particulares, que encontram mais facilidade em se reunir, mais intimidade e homogeneidade em sua composição. Esse resultado, consequência da força mesma das coisas, era previsto. Desde a origem havíamos assinalado os escolhos que, inevitavelmente, deveriam encontrar as sociedades numerosas, necessariamente formadas de elementos heterogêneos, abrindo a porta às ambições e, por isto mesmo, alvo

das intrigas, das cabalas, das manobras surdas da malevolência, da inveja e do ciúme, que não podem emanar de uma fonte pura. Nas reuniões íntimas, sem caráter oficial, é-se mais senhor de si, conhece-se melhor, recebe-se quem se quer; aí o recolhimento é maior e sabe-se que os resultados são mais satisfatórios. Conhecemos bom número de reuniões deste gênero, cuja organização nada deixa a desejar. Há, pois, tudo a ganhar nessa transformação.

Além disso, o ano de 1866 viu se realizarem as previsões dos Espíritos sobre vários pontos interessantes da doutrina, entre outros sobre a extensão e os novos caracteres que devem tomar a mediunidade, bem como sobre a produção de fenômenos susceptíveis de chamar a atenção sobre o princípio da espiritualidade, embora aparentemente estranhos ao Espiritismo. A mediunidade curadora revelou-se em plena luz, nas circunstâncias mais propícias a fazer sensação; desabrocha em muitas outras pessoas. Em certos grupos manifestam-se numerosos casos de sonambulismo espontâneo, de mediunidade falante, de segunda vista e outras variedades da faculdade mediúnica que puderam fornecer úteis assuntos de estudo. Sem ser precisamente novas, essas faculdades ainda estão no nascedouro numa porção de indivíduos; só se mostram em casos isolados e, por assim dizer, se ensaiam na intimidade; mas, com o tempo, adquirirão mais intensidade e se vulgarizarão. É sobretudo quando se revelam espontaneamente em pessoas estranhas ao Espiritismo que chamam a atenção mais fortemente, pois não se pode supor convivência nem admitir a influência de idéias preconcebidas. Limitamo-nos a assinalar o fato, que cada um pode constatar, e cujo desenvolvimento necessitaria de detalhes muito extensos. Aliás, teremos ocasião de a ele voltar, em artigos especiais.

Em resumo, se nada de muito retumbante assinalou a marcha do Espiritismo nestes últimos tempos, podemos dizer que ela prossegue nas condições normais traçadas pelos Espíritos e que só temos que nos felicitar pelo estado das coisas.

Pensamentos Espíritas que Correm o Mundo

Em nosso último número referimos alguns pensamentos que se encontram aqui e ali, na imprensa, e que o Espiritismo pode reivindicar como partes integrantes da doutrina. Continuaremos a referir, de vez em quando, os que vierem ao nosso conhecimento. Estas citações têm o seu lado útil e instrutivo, pois provam a vulgarização das idéias espíritas.

Na revista hebdomadária do *Siècle* de 2 de dezembro, o Sr. E. Texier, dando conta de uma nova obra do Sr. P.-J. Stahl, intitulada *Bonnes fortunes parisiennes*, assim se exprime:

“O que distingue essas *Boas sortes parisienses* é a delicadeza de toque na pintura do sentimento, é o bom perfume do livro, que se respira como uma brisa. Raramente tinham tratado este assunto tão vasto, tão explorado, tão rebatido e sempre novo – o amor – com verdadeira ciência, sentida observação, mais tato e leveza de mão. *Disseram que, numa existência anterior, Balzac deveria ter sido mulher; poder-se-ia dizer também que Stahl tinha sido uma jovem.* Todos os pequenos segredos do coração que se abre ao contato do primeiro arroubo, ele os capta e os fixa até em seus mais finos matizes. Ele fez melhor do que estudar as suas heroínas; dir-se-ia que *sentiu* todas as suas impressões, todas as suas vibrações, todos esses lindos choques – alegria ou dor – que se sucedem na alma feminina e a enchem aos primeiros botões da floração de abril.”

Não é a primeira vez que a idéia das existências anteriores é expressa fora do Espiritismo. O autor do artigo outrora não poupava sarcasmos à nova crença, a propósito dos irmãos Davenport, em quem, como a maioria de seus confrades em jornalismo, julgou, e talvez ainda julgue encarnada a doutrina.

Escrevendo estas linhas, certamente não suspeitava que formulava um de seus mais importantes princípios. Que o tenha feito seriamente ou não, pouco importa! A coisa não prova menos que os próprios incrédulos encontram na pluralidade das existências, ainda que só admitida a título de hipótese, a explicação das aptidões inatas da existência atual. Este pensamento, lançado a milhões de leitores pelo vento da publicidade, se populariza, se infiltra nas crenças; habitua-se a ele; cada um aí procura a razão de ser de uma imensidade de coisas incompreendidas, de suas próprias tendências: aqui gracejando, ali seriamente; a mãe cujo filho é um tanto precoce sorri de bom grado à idéia de que ele possa ter sido um homem de gênio. Em nosso século racionalista, a gente quer dar conta de tudo; repugna ao maior número ver nas boas e más qualidades trazidas ao nascer, um jogo do acaso ou um capricho da divindade; a pluralidade das existências resolve a questão mostrando que as existências se encadeiam e se completam umas pelas outras. De dedução em dedução chega-se a encontrar, neste princípio fecundo, a chave de todos os mistérios, de todas as aparentes anomalias da vida moral e material, das desigualdades sociais, dos bens e dos males daqui de baixo; enfim o homem sabe de onde vem, para onde vai, por que está na Terra, por que é feliz ou desgraçado e o que deve fazer para assegurar a sua felicidade futura.

Se se acha racional admitir que já vivemos na Terra, não o é menos que possamos aqui reviver ainda. Como é evidente que não é o corpo que revive, só pode ser a alma; esta conservou, pois, a sua individualidade; não se confundiu no todo universal; para conservar suas aptidões, é preciso que tenha *ficado ela mesma*. O único princípio da pluralidade das existências é, como se vê, a negação do materialismo e do panteísmo.

Para que a alma possa realizar uma série de existências sucessivas no mesmo meio, é preciso que não se perca nas profundezas do infinito; deve permanecer na esfera de atividade

terrestre. Eis, pois, o mundo espiritual que nos rodeia, em meio do qual vivemos, no qual se derrama a Humanidade corporal, como ele mesmo se derrama nesta. Ora, chamai estas almas de *Espíritos* e eis-nos em pleno Espiritismo.

Se Balzac pôde ter sido mulher e Stahl uma jovem, então as mulheres podem encarnar-se como homens e, por conseguinte, os homens podem encarnar-se como mulheres. Não há, pois, entre os dois sexos senão uma diferença material, acidental e temporária, uma diferença de vestimenta carnal; mas quanto à natureza essencial do ser, ela é a mesma. Ora, da igualdade de natureza e de origem, a lógica conclui pela *igualdade dos direitos sociais*. Vê-se a que conseqüências conduz o só princípio da pluralidade das existências. Provavelmente o Sr. Texier não acreditava ter dito tanta coisa nas poucas linhas que citamos.

Mas, talvez digam, o Espiritismo admite a presença das almas em meio a nós e suas relações com os vivos; eis onde está o absurdo. Sobre este ponto escutemos o Sr. abade V..., novo cura de São Vicente de Paulo. No discurso que ele pronunciou domingo, 25 de novembro último, por sua investidura, fazendo o elogio do patrono da paróquia, disse: “O Espírito São Vicente de Paulo está aqui, eu o afirmo, meus irmãos; sim, ele está em meio a nós; paira sobre esta assembléia; ele nos vê e nos ouve; sinto-o perto de mim, a inspirar-me.” Que mais teria dito um espírita? Se o Espírito São Vicente de Paulo está na assembléia, por quem é atraído, senão pelo pensamento simpático dos assistentes? É o que diz o Espiritismo. Se aí está, outros Espíritos igualmente aí podem encontrar-se. Eis o mundo espiritual que nos cerca. Se o sr. abade sofre sua influência, pode sofrer a de outros Espíritos, assim como outras pessoas. Há, pois, relações entre o mundo espiritual e o mundo corporal. Se fala pela inspiração desse Espírito, então é médium falante; mas se fala, também pode escrever sob essa mesma inspiração o que, sem dúvida, terá feito mais de uma vez

sem o suspeitar; ei-lo, então, médium escrevente inspirado, intuitivo. Entretanto, se lhe dissessem que havia pregado o Espiritismo, provavelmente se defenderia com todas as suas forças.

Mas sob que aparência o Espírito São Vicente de Paulo poderia estar nessa assembléia? Se o sr. cura não diz, São Paulo o diz: é com o corpo espiritual ou fluídico, *o corpo incorruptível*, que reveste a alma depois da morte, e ao qual o Espiritismo dá o nome de perispírito.

O perispírito, um dos elementos constitutivos do organismo humano, constatado pelo Espiritismo, tinha sido suspeitado há muito tempo. É impossível ser mais explícito a este respeito que o Sr. Charpignon, em sua obra sobre o magnetismo, publicada em 1842.¹ Com efeito, lê-se no capítulo II, página 355:

“As considerações psicológicas a que acabamos de nos entregar tiveram como resultado fixar-nos na necessidade de admitir, na composição da individualidade humana, *uma verdadeira trindade*, e achar neste *composto trinário um elemento de natureza essencialmente diferente das duas outras partes*, elemento perceptível, mais por suas faculdades fenomenais que por suas propriedades constitutivas, porque a natureza de um ser espiritual escapa aos nossos meios de investigação. O homem é, pois, um ser misto, um organismo de composição dupla, a saber: combinação de átomos formando os órgãos, e um elemento de natureza material, mas *indecomponível, dinâmico por essência, numa palavra, um fluido imponderável*. Isto quanto à parte material. Agora, como elemento característico da espécie hominal: este ser simples, inteligente, livre e voluntário, que os psicólogos chamam *alma...*”

Estas citações e as reflexões que as acompanham têm por fim mostrar que a opinião está menos afastada das idéias espíritas do que se poderia crer, e que a força das coisas e a

1 *Fisiologia, Medicina e Metapsíquica do Magnetismo*, por Charpignon, 1 vol. In-8. Paris, Baillière, 17, Rue de l'École-de-Médecine. Preço: 6 fr.

irresistível lógica dos fatos a isto conduzem por um pendor bem natural. Não é, pois, uma vã presunção dizer que o futuro é nosso.

Romance Espírita

O ASSASSINATO DA PONTE VERMELHA, POR CH. BARBARA

O romance pode ser uma maneira de exprimir pensamentos espíritas sem se comprometer, porque o autor temeroso pode sempre responder à crítica zombeteira que não pretendeu senão fazer uma obra de fantasia, o que é certo para o grande número. Ora, tudo é permitido à fantasia. Mas, fantasia ou não, não deixa de ser uma das formas a favor da qual a idéia espírita pode penetrar nos meios onde não seria aceita sob uma forma séria.

O Espiritismo ainda é muito pouco, ou melhor, muito mal conhecido pela literatura, para ter fornecido assunto a tantas obras deste gênero. A principal, como se sabe, é a que Théophile Gautier publicou sob o nome de *Espírita*, e ainda se pode censurar o autor por se ter afastado, em vários pontos, da idéia verdadeira.

Uma outra obra de que igualmente falamos, e que sem ter sido feita especialmente visando o Espiritismo, a ele se liga de certo modo, é a do Sr. Elie Berthet, publicada em folhetim no *Siècle*, em setembro e outubro de 1865, sob o título de *A Dupla Vista*. Aqui o autor dá provas de um conhecimento aprofundado dos fenômenos de que fala, e o seu livro alia a este mérito, o do estilo e de um interesse contínuo. É, ao mesmo tempo, moral e instrutivo.

A Segunda Vista, de X.-B. Saintine, publicada em folhetim no grande *Moniteur*, em fevereiro de 1864, é uma série de novelas que nem têm o fantástico *impossível*, nem o caráter lúgubre dos contos de Edgard Poë, mas a suave e graciosa simplicidade das cenas íntimas entre os habitantes deste e do outro mundo, nos

quais o Sr. Saintine acreditava firmemente. Embora sejam histórias de fantasia, em geral pouco se afastam dos fenômenos que muitas pessoas puderam testemunhar. Aliás, sabemos que, em vida, o autor, que conhecemos pessoalmente, não era incrédulo nem materialista; as idéias espíritas lhe eram simpáticas, e o que escrevia era reflexo de seu próprio pensamento.

Séraphita, de Balzac, é um romance filosófico, baseado na doutrina de Swedenborg. Em *Consuelo* e na *condessa de Rudofstadt*, da Sra. George Sand, o princípio da reencarnação representa papel capital. O *Drag*, da mesma autora, é uma comédia representada, há alguns anos, no *Vaudeville*, e cujo enredo é inteiramente espírita. É fundado numa crença popular entre os marinheiros da Provença. Drag é um Espírito manhoso, mais malicioso que mau, que se diverte em pregar peças. É visto sob a figura de um jovem, exercendo sua influência e coagindo um indivíduo a escrever contra sua própria vontade. A imprensa, de ordinário tão benevolente para com essa escritora, mostrou-se severa com esta peça, que mereceria melhor acolhimento.

A França não tem o monopólio exclusivo deste gênero de produções. O *Progrès colonial*, da ilha Maurício, publicou em 1865, sob o título de *Histórias do Outro Mundo, contadas pelos Espíritos*, um romance que não ocupava menos de vinte e oito folhetins, cuja trama era toda feita pelo Espiritismo, e no qual o autor, Sr. de Germonville, dá provas de perfeito conhecimento do assunto.

Em alguns outros romances, a idéia espírita simplesmente fornece o tema dos episódios. O Sr. Aurélien Scholl, nos seus *Novos Mistérios de Paris*, publicados pelo *Petit Journal*, faz intervir um magnetizador, que interroga uma mesa pela tiptologia, depois uma moça posta em sonambulismo, cujas revelações deixam alguns assistentes em maus lençóis. A cena é bem apresentada e perfeitamente verossímil. (*Petit Journal* de 23 de outubro de 1866).

A reencarnação é uma das idéias mais fecundas para os romancistas, e que pode fornecer efeitos tanto mais surpreendentes quanto em nada se afastam das possibilidades da vida material. O Sr. Charles Barbara, jovem escritor morto há alguns meses numa casa de saúde, dela fez aplicação das mais felizes em seu romance intitulado *Assassinato da Ponte Vermelha*, que o *Événement* ultimamente reproduziu em folhetim.

O assunto principal é um agente de câmbio que fugia para o estrangeiro, levando a fortuna de seus clientes. Atraído por um indivíduo a uma casa miserável, sob o pretexto de favorecer-lhe a fuga, aí é assassinado, despojado e jogado no Sena, ajudado por uma mulher chamada Rosália, que morava na casa desse homem. O assassino agiu com tal prudência e soube tomar tão bem suas precauções, que todo traço do crime desapareceu e toda suspeita de assassinato foi afastada. Casou-se pouco depois com sua cúmplice Rosália e ambos puderam, daí por diante, viver na abastança, sem temer perseguição alguma, a não ser a do remorso, quando uma circunstância fez que suas angústias atingissem o mais alto grau. Eis como ele próprio a conta:

“Esta quietude foi perturbada desde os primeiros dias de nosso casamento. A não ser que se exclua a intervenção direta de um poder oculto, forçoso é convir que o acaso aqui se mostrou estranhamente inteligente. Por maravilhoso que pareça o fato, não pensareis em pô-lo em dúvida, porque, também, nele tendes a prova viva em meu filho. Aliás, muitas pessoas não deixarão de aí ver um fato puramente físico e fisiológico e de o explicar racionalmente. Seja como for, de repente notei traços de tristeza no rosto de Rosália. Perguntei a razão. Ela evitou responder.

“Como no dia seguinte e nos outros sua melancolia só fizesse aumentar, supliquei-lhe que me tirasse da inquietação. Ela acabou me confessando uma coisa que não deixou de me comover no mais alto grau. Logo na primeira noite de nossas núpcias, em

meu lugar, embora estivéssemos no escuro, ela tinha visto, mas visto mesmo, garantia, o rosto pálido do agente de câmbio. Inutilmente tinha esgotado suas forças em rechaçar o que tomava a princípio por simples lembrança. O fantasma não saiu de seus olhos senão aos primeiros clarões da aurora. Além disso, o que realmente justificava seu pavor é que a mesma visão a tinha perseguido com uma tenacidade análoga durante várias noites seguidas.

“Afetei profundo desdém e tentei convencê-la de que tinha sido vítima de uma simples alucinação. Compreendi, pela tristeza que dela se apoderou e se transformou insensivelmente neste langor em que a vistes, que não tinha conseguido inculcar-lhe o meu sentimento. Uma gravidez penosa, agitada, equivalente a uma doença longa e dolorosa, piorou mais ainda esse mal-estar de espírito; e se um parto feliz, cumulando-a de alegria, teve influência salutar sobre o seu moral, foi de curta duração. Ainda mais, vi-me forçado a privá-la da felicidade de ter o filho ao seu lado, já que, em relação aos meus recursos oficiais, uma ama-de-leite morando em casa se me teria afigurado uma despesa superior às minhas posses.

“Comovidos pelos sentimentos de figurar dignamente numa pastoral, íamos ver nosso filho de quinze em quinze dias. Rosália o amava até a paixão, e eu mesmo não estava longe de o amar com frenesi, porque, coisa singular! nas ruínas que se amontoavam em mim, só os instintos da paternidade ainda restavam de pé. Abandonava-me a sonhos infáveis; prometia-me dar uma educação sólida ao meu filho, preservá-lo, se possível, de meus vícios, de minhas faltas, de minhas torturas. Ele era minha consolação, minha esperança.

“Quando digo eu, falo igualmente da pobre Rosália, que se sentia feliz à idéia de ver o filho crescer ao seu lado. Assim, quais não foram as nossas inquietações, a nossa ansiedade, quando, à medida que a criança se desenvolvia, percebemos em seu rosto as

linhas que lembravam o de uma pessoa que desejaríamos esquecer para sempre. A princípio não passou de uma dúvida, sobre a qual guardamos silêncio, mesmo um em frente ao outro. Depois a fisionomia do menino aproximou-se a tal ponto da de Thillard, que Rosália me falou com espanto, que eu mesmo não podia ocultar senão em parte as minhas cruéis apreensões. Enfim, a semelhança se nos mostrou tal, que pareceu realmente que o agente de câmbio tivesse *renascido* em nosso filho.

“O fenômeno teria transtornado um cérebro menos sólido que o meu. Ainda muito firme para ter medo, pretendi ficar insensível ao golpe desferido em minha afeição paternal e fazer Rosália partilhar de minha indiferença. Sustentei que nisto havia apenas um acaso; acrescentei que nada havia de mais mutável que o rosto das crianças e que, provavelmente, a semelhança desapareceria com a idade. Finalmente, caso acontecesse o pior, sempre nos seria fácil manter a criança afastada. Falhei completamente. Ela se obstinou em ver na identidade dos dois rostos um fato providencial, o germe de um castigo atroz que, mais cedo ou mais tarde, devia esmagar-nos e, sob o império desta convicção, seu repouso foi abolido para sempre.

“Por outro lado, sem falar da criança, que era nossa vida? Vós mesmos pudestes ver a perturbação permanente, as agitações, os abalos, cada dia mais violentos. Quando todo traço de meu crime havia desaparecido, quando eu não tinha absolutamente mais nada a temer dos homens, quando a opinião a meu respeito tinha se tornado unanimemente favorável, em vez de uma segurança fundada na razão, eu sentia crescerem as minhas inquietações, as minhas angústias, os meus terrores. Eu mesmo me inquietava com as fábulas mais absurdas; no gesto, na voz, no olhar do primeiro que chegasse eu via uma alusão ao meu crime.

“As alusões me mantiveram incessantemente no cadafalso do carrasco. Lembrai-vos desta noite em que o Sr.

Durosoir contou uma de suas instruções. Dez anos de dores lancinantes, que jamais equivaleriam ao que senti no momento em que, saindo do quarto de Rosália, encontrei-me cara a cara com o juiz, que me fitava no rosto. Eu era de vidro; ele lia no fundo de meu peito. Num instante entrevi o patíbulo. Lembrai-vos do ditado: ‘Em casa de enforcado não se fala em corda’, e vinte outros detalhes do gênero. Era um suplício de todos os dias, de todas as horas, de todos os segundos. O que quer que fosse, fazia-se no meu espírito uma horrorosa devastação.

“O estado de Rosália era ainda muito mais doloroso: vivia realmente nas chamas. A presença da criança na casa acabou por tornar a estada intolerável. Incessantemente, dia e noite, vivemos em meio às cenas mais cruéis. O menino me gelava de horror. Vinte vezes quase que o sufoquei. Além disso, Rosália, que se sentia morrer, que acreditava na vida futura, nos castigos, aspirava a se reconciliar com Deus. Zombava dela, insultava-a, ameaçava batê-la. Entrava em furores para assassiná-la. Ela morreu a tempo para me preservar de um segundo crime. Que agonia! Ela jamais me sairá da memória.

“Depois não vivi. Vangloriava-me de não ter mais consciência: esses remorsos cresceram ao meu lado, em carne e osso, sob a forma de meu filho. Esta criança, que consinto em ser seu guarda e o escravo, a despeito de sua imbecilidade não deixa de me torturar por seu ar, seu olhar estranho, pelo ódio instintivo que me vota. Não importa aonde eu vá, segue-me passo a passo, marcha ou se senta em minha sombra. À noite, após um dia de fadiga, sinto-o ao meu lado e basta seu contato para tirar-me o sono ou, pelo menos, perturbar-me com pesadelos. Receio que de repente a razão lhe venha, sua língua se solte e que ele fale e me acuse.

“A Inquisição, em seu gênio de torturas, o próprio Dante, na sua *Suppliciomanié*, jamais imaginaram algo de tão espantoso. Isto me torna monomaníaco. Surpreendo-me desenhando à pena o

quarto onde cometi o crime; escrevo em baixo esta legenda: *Neste quarto envenenei o agente de câmbio Thillard-Ducornet*, e assino. É assim que, nas minhas horas de febre, detalhei em meu jornal mais ou menos palavra por palavra tudo que vos contei.

“Mas não é tudo. Consegui subtrair-me ao suplício com que os homens castigam o assassino, e eis que este suplício se renova para mim quase todas as noites.

“Sinto uma mão em meu ombro e ouço uma voz que me murmura ao ouvido: ‘Assassino!’ Sou levado diante das togas vermelhas; um rosto pálido se ergue à minha frente e grita: ‘Ei-lo!’ É meu filho. Nego. Meu desenho e minhas próprias memórias me são apresentados com minha assinatura. Como vedes, a realidade se mistura ao sonho e aumenta o meu pavor. Enfim, assisto a todas as peripécias de um processo criminal. Ouço a minha condenação: ‘Sim, ele é culpado.’ Conduzem-me a uma sala escura, onde se vêm juntar a mim o carrasco e seus ajudantes. Quero fugir, laços de ferro me detêm e uma voz me grita: ‘Não há mais misericórdia para ti!’ Experimento até a sensação do frio das lâminas em meu pescoço. Um padre ora ao meu lado e por vezes me convida ao arrependimento.

“Repilo-o com mil blasfêmias. Semimorto, padeço os solavancos de uma carroça na via pública; ouço os murmúrios da multidão, comparáveis aos das vagas do mar e, no alto, imprecações de mil vozes. Chego à vista do cadafalso. Subo os degraus. Entretanto, o sonho é interrompido. Desperto justamente no momento em que a lâmina desliza entre as ranhuras, quando ia ser arrastado em presença daquele que quis negar, do próprio Deus, para aí ter os olhos queimados pela luz, mergulhar no abismo de minhas iniquidades e ser supliciado pelo sentimento de minha própria infâmia. Sufoco, o suor me inunda, o horror enche-me a alma. Não sei mais quantas vezes já sofri este suplício.”

A idéia de fazer reviver a vítima no próprio filho do assassino, e que aí representa a imagem viva de seu crime, ligada aos seus passos é, ao mesmo tempo, engenhosa e muito moral. Quis o autor mostrar que o criminoso, se sabe escapar às perseguições dos homens, não poderá subtrair-se às da Providência. Há aqui mais que remorso: é a vítima que se ergue sem cessar à sua frente, não sob a aparência de um fantasma ou de uma aparição, que poderia ser considerada como efeito da imaginação ferida, mas sob os traços de seu filho; é o pensamento que esta criança pode ser a própria vítima, pensamento corroborado pela instintiva aversão do menino, embora idiota, por seu pai; é a luta da ternura paternal contra esse pensamento que o tortura, luta horrível, que não permite ao culpado gozar sossegadamente o fruto de seu crime, como disse se tinha gabado.

Esse quadro tem o mérito de ser verdadeiro, ou melhor, perfeitamente verossímil, isto é, nada se afasta das leis *naturais* que, sabemos hoje, regem as relações dos seres humanos entre si. Aqui, nada de fantástico nem de maravilhoso; tudo é possível e justificado pelos numerosos exemplos que temos de indivíduos renascendo no meio onde já viveram, em contato com os mesmos indivíduos, para repararem seus erros ou cumprirem deveres de reconhecimento.

Admiremos aqui a sabedoria da Providência que, *durante a vida*, lança um véu sobre o passado, sem o qual os ódios se perpetuariam, ao passo que acabam por se apaziguar nesse novo contato e sob o império dos bons procedimentos recíprocos. É assim que, pouco a pouco, o sentimento da fraternidade acaba por substituir o da hostilidade. No caso de que se trata, se o assassino tivesse tido certeza absoluta quanto à identidade de seu filho, teria podido buscar sua segurança num novo crime; a dúvida o deixaria em luta com a voz da Natureza, que nele falava pela voz da paternidade. Mas a dúvida era um suplício cruel, uma ansiedade perpétua, pelo temor que esta fatal semelhança levasse à descoberta do crime.

Por outro lado, o agente de câmbio, ele próprio culpado, tinha, se não como encarnado, mas como Espírito, a consciência de sua posição. Se servia de instrumento para o castigo de seu assassino, sua posição também lhe era um suplício. Assim, esses dois indivíduos, ambos culpados, se puniam reciprocamente, detidos em seus ressentimentos mútuos pelos deveres que lhes impunha a Natureza. Esta justiça distributiva, que castiga por meios naturais, pela consequência mesma da falta, mas que sempre deixa a porta aberta ao arrependimento e à reabilitação, não é mais digna da bondade de Deus que a condenação irremissível às chamas eternas? Porque o Espiritismo repele a idéia do inferno, tal qual o representam, pode dizer-se que tire todo freio às más paixões? Compreende-se esse gênero de punição; aceita-se-o, porque é lógico; ele impressiona tanto mais quanto se o sente equitativo e *possível*. Esta crença é um freio muito mais poderoso que a perspectiva de um inferno em que já não crêem, e do qual riem.

Eis um exemplo real da influência desta doutrina, para um caso que, embora menos grave, não prova menos o poder de sua ação:

Um senhor de nosso conhecimento pessoal, espírita fervoroso e esclarecido, vive com um parente muito próximo, que diversos indícios, tendo um grande caráter de probabilidade, lhe fazem crer tenha sido seu pai. Ora, esse parente nem sempre age para com ele como deveria. Sem tal pensamento aquele senhor, em muitas circunstâncias, por questões de interesse, teria usado de um rigor que estava em seu direito, e provocado uma ruptura. Mas a idéia de que poderia ser seu pai o reteve; mostrou-se paciente, moderado; suportou o que não teria tolerado da parte de uma pessoa que tivesse considerado como estranha. Não havia, em vida do pai, uma grande simpatia entre este e seu filho; mas a conduta deste, em tal circunstância, não era susceptível de aproximá-los espiritualmente e de destruir as prevenções que os afastavam um do outro? Se se reconhecessem de maneira certa, sua posição respectiva seria muito falsa e constrangedora; a dúvida em que está

o filho basta para o impedir de agir mal, embora lhe deixe todo o seu livre-arbítrio. Que o parente tenha sido ou não o seu pai, o filho não tem menos o mérito do sentimento da piedade filial; se não lhe é nada, ser-lhe-á sempre levado em conta de seu bom procedimento, e o verdadeiro Espírito de seu pai lhe será grato.

Vós que zombais do Espiritismo, porque não o conheceis, se soubésseis o que ele encerra de poder para a moralização, compreenderíeis tudo o que a sociedade ganhará com a sua propagação e sereis os primeiros a aplaudi-lo. Vê-la-íeis transformada sob o império das crenças que conduzem, pela própria força das coisas e das leis da Natureza, à fraternidade e à verdadeira igualdade; compreenderíeis que só ele pode triunfar dos preconceitos, que são a pedra de tropeço do progresso social e, em vez de ridicularizar os que o propagam, os encorajaríeis, porque sentiríeis que é do vosso próprio interesse, de vossa segurança. Mas, paciência! isto virá ou, melhor dizendo, isto já veio. Cada dia as prevenções se apaziguam, a idéia se propaga, infiltra-se sem ruído e começa-se a ver que existe aí algo de mais sério do que se pensava. Não está longe o tempo em que os moralistas, os apóstolos do progresso aí verão a mais poderosa alavanca que jamais tiveram nas mãos.

Lendo o romance do Sr. Charles Barbara, poder-se-ia crer que fosse espírita fervoroso e, contudo, não o era. Como dissemos, morreu numa casa de saúde, atirando-se pela janela num acesso de febre ardente. Era um suicídio, mas atenuado pelas circunstâncias. Evocado pouco tempo depois na Sociedade de Paris, e interrogado quanto às suas idéias a respeito do Espiritismo, eis a comunicação que deu a respeito:

(Paris, 19 de outubro de 1866 – Médiun: Sr. Morin)

Permiti, senhores, a um pobre Espírito infeliz e sofredor, vos pedir autorização para vir assistir às vossas sessões, todas de instrução, de devotamento, de fraternidade e de caridade.

Sou o infeliz que tinha o nome de *Barbara* e, se vos peço esta graça, é que o Espírito despojou o homem velho, e já não se crê mais tão superior em inteligência, como se julgava em vida.

Agradeço ao vosso chamamento e, tanto quanto estiver em meu poder, vou tentar responder à questão motivada por uma página de uma de minhas obras. Mas eu vos pediria, previamente, levar em conta o meu estado atual, que se ressentia fortemente da perturbação, aliás muito natural, que se experimenta ao passar bruscamente de uma a outra vida.

Estou perturbado por duas causas principais: a primeira é devida à minha provação, que era de suportar as dores físicas que experimentei, ou, antes, que meu corpo experimentou, quando me suicidei. – Sim, senhores, não temo dizê-lo, eu me suicidei, porque se meu Espírito estava perdido por momentos, eu o recobrei antes de me arrebentar no chão e... disse: *tanto melhor!...* Que falta e que fraqueza!... As lutas da vida material estavam terminadas para mim, meu nome era conhecido, doravante não tinha senão que marchar a via que me era aberta e tão fácil de seguir!... Tive medo!... e, contudo, nas horas de incerteza e de desânimo, tinha lutado a despeito de tudo. A miséria e suas conseqüências não me tinham desalentado, e foi quando tudo se acabou para mim que exclamei: *O passo está dado; tanto melhor!... não terei mais que sofrer!* Egoísta e ignorante!...

A segunda é que, depois de haver errado na vida, entre a convicção do nada e o pressentimento de um Deus que não podia ser senão uma força, única, grande, justa, boa e bela, nós nos encontramos em presença de uma inumerável multidão de seres ou Espíritos que nos conheceram, que nos amaram; que descobrimos vivas as nossas afeições, as nossas ternuras e amores; numa palavra, quando percebemos que apenas mudamos de domicílio. Então concebeis, senhores, que é muito natural que um pobre ser que viveu entre o bem e o mal, entre a crença a incredulidade sobre uma

outra vida, é muito natural, repito, que fique perturbado... de felicidade, de alegria, de emoção, um pouco de vergonha, vendo-se obrigado a confessar a si mesmo que, em seus escritos, o que atribuía à sua imaginação em trabalho, era uma profunda realidade, e que muitas vezes o homem de letras, que se infla de orgulho, vendo ler e ouvindo aplaudir páginas que julgava obra sua, por vezes não passa de um instrumento que escreve sob influência dessas mesmas potências ocultas, cujo nome lança ao acaso da pena num livro.

Quantos grandes autores de todos os tempos escreveram, sem conhecer todo o valor filosófico, páginas imortais, marcos do progresso, colocadas por eles e por ordem de um poder superior, a fim de que, num dado tempo, a reunião de todos esses materiais esparsos forme um todo, tanto mais sólido quanto é o produto de várias inteligências, porque a obra coletiva é melhor: é, aliás, o que Deus assinará ao homem, pois a grande lei da solidariedade é imutável.

Não, senhores, não; eu não conhecia absolutamente o Espiritismo quando escrevia esse romance, e confesso que eu mesmo notei com surpresa o profundo modo de dizer de algumas linhas que lestes, sem compreender todo o alcance que, hoje, vejo claramente. Depois de as haver escrito, aprendi a rir do Espiritismo, para fazer como os meus *esclarecidos* colegas e não querer parecer mais adiantado no ridículo do que eles próprios queriam. Ri!...; agora choro; mas também espero, porque mo ensinaram aqui: todo arrependimento sincero é um progresso, e todo progresso leva ao bem.

Não duvideis, senhores, de que muitos escritores são, por vezes, instrumentos inconscientes para a propagação das idéias que as forças invisíveis julgam úteis ao progresso da Humanidade. Não vos admireis, pois, de os ver escrever sobre o Espiritismo sem nele crer; para eles é um assunto como outro qualquer, que se

presta ao efeito, e não suspeitam que a ele sejam levados sem o saber. Todos esses pensamentos espíritas, que vedes emitidos por aqueles mesmos que, ao lado disso, fazem oposição, lhes são sugeridos, mas nem por isso deixam de fazer o seu caminho. Eu fui deste número.

Orai por mim, senhores, porque a prece é um bálsamo inefável. A prece é a caridade que se deve fazer aos infelizes do outro mundo, e eu sou um deles.

Barbara

Variedades

RETRATO FÍSICO DOS ESPÍRITAS

Lê-se no *France* de 14 de setembro de 1866:

“A fé robusta das pessoas que, a despeito de tudo, acreditam em todas as maravilhas, tantas vezes desmentidas, do Espiritismo, é, em verdade, admirável. Mostra-se-lhes o *truque* das mesas girantes, e elas crêem; desvendam-se-lhes as imposturas do armário dos Davenport, e elas crêem mais ainda; exibem-se-lhes todos os cordões, fazem-nas tocar a mentira com o dedo, furam-lhe os olhos pela evidência do charlatanismo e sua crença apenas se torna mais obstinada. Inexplicável necessidade do impossível! *Credo quia absurdum.*”

“O *Messenger franco-américain*, de Nova Iorque, fala de uma convenção dos adeptos do Espiritismo, que acaba de se reunir em Providence (Rhode-Island). Homens e mulheres se distinguem por semblantes do outro mundo; a palidez da pele, a emaciação do rosto, o profético devaneio dos olhos, perdidos numa vaga oceânica, tais são, em geral, os sinais exteriores do espírita. Acrescente-se que, contrariamente ao uso geral, as mulheres

cortam curtos os cabelos, *à mal-content*, como se dizia outrora, ao passo que os homens têm uma cabeleira abundante, absalônica, enérgica, descendo até as espáduas. Quando se faz comércio com os Espíritos, há que se distinguir do comum dos mortais, da vil multidão.

“Vários discursos, muitos discursos foram pronunciados. Os oradores, sem mais preocupação com os desmentidos da Ciência do que com os do senso comum, imperturbavelmente lembraram a grande série, que cada um sabe de cor, dos fatos maravilhosos atribuídos ao Espiritismo.

“Sem querer fazer-se passar por profetiza, a Srta. Susia Johnson declarou que previa estarem próximos os tempos em que a grande maioria dos homens não mais se rebelará às místicas revelações da religião nova. Apela com todos os seus votos para a criação de numerosas escolas, onde as crianças de ambos os sexos sorverão, desde a mais tenra idade, os ensinamentos do Espiritismo. Só faltava isto!”

Sob o título de *Sempre os espíritas!* o *Événement* de 26 de agosto de 1866 publicou um longo artigo, do qual extraímos a seguinte passagem:

“Fostes alguma vez a uma reunião de espíritas, numa noite de ociosidade ou de curiosidade? Geralmente, é um amigo que vos conduz. Sobe-se bastante – os Espíritos gostam de aproximar-se do céu – para um pequeno apartamento já repleto. Entra-se às cotoveladas.

“Amontoam-se pessoas, figuras bizarras, de gestos energúmenos. Sufoca-se nessa atmosfera, comprime-se, inclinam-se sobre as mesas onde médiuns, com os olhos no teto, lápis na mão, escrevem as elucubrações que passam por lá. Há uma surpresa inicial; procuram entre todas essas pessoas repousar o olhar; interrogam, adivinham, analisam.

“Velhas de olhos ávidos, jovens magros e fatigados, a promiscuidade das classes e das idades, porteiras da vizinhança e grandes damas do bairro, chita-da-índia e renda pura, poetisas do acaso e profetizas de ocasião, alfaiates e laureados do Instituto confraternizam no Espiritismo. Esperam, fazem girar as mesas, levantam-nas, lêem em voz alta as garatujas que Homero ou Dante ditaram aos médiuns sentados. Esses médiuns estão imóveis, a mão sobre o papel, sonhando. De repente sua mão se agita, corre, sacode violentamente, cobre as folhas num vai-e-vem e pára bruscamente. Então alguém, no silêncio, cita o nome do Espírito que acaba de ditar a mensagem e a lê. Ah! essas leituras!

“Assim, ouvi Cervantes se queixar da demolição do Teatro das Diversões Cômicas e Lamennais contar que Jean Journet era seu amigo íntimo no além. A maior parte do tempo Lamennais comete erros de ortografia e Cervantes não sabe uma palavra de espanhol. Outras vezes os Espíritos tomam um pseudônimo angélico para deixar a seu público algum aforismo à maneira de Pantagruel. Protestam. Respondem-lhes: Nós nos queixaremos ao vosso cabeça de fila!

“O médium que traçou a frase torna-se sombrio e zangado, por estar em relação com *Espíritos* tão mal-educados. Perguntei a que legião pertenciam esses mistificadores do outro mundo e me responderam claramente: – São *Espíritos gaiatos!*

“Sei de coisas mais amáveis – por exemplo, o Espírito *desenhista* que impulsionou a mão de Victorien Sardou, e o fez traçar a imagem da casa onde Beethoven habita no *além*. Profusão de folhagens ornamentais, entrelaçamentos de colcheias e semicolcheias, é um trabalho de paciência que demandaria meses e que foi feito numa noite. Pelo menos foi o que me afirmaram. Só o Sr. Sardou poderia convencer-me.

“Pobre cérebro humano! como estas coisas são dolorosas para contar! Assim, não demos um passo para o lado da

Razão e da Verdade! Ou, no mínimo, o batalhão de preguiçosos engrossa dia a dia, à medida que se avança! É formidável, é quase um exército. Sabeis quantas *possessas* há atualmente na França?

“Mais de duas mil. As *possessas* têm sua presidente, a Sra. B... que, desde a idade de dois anos, vive em contato direto com a Virgem. Duas mil! O Auvergne guardou seus milagres, as Cevenas têm sempre os seus *Camisards*.² Os livros de Espiritismo, os tratados de misticismo têm sete, oito, dez edições. O maravilhoso é mesmo a doença de um tempo que, nada tendo diante do espírito para se satisfazer, refugia-se nas quimeras, como um estômago debilitado e privado de carne, que se alimentasse de gengibre.

“E o número dos loucos aumenta! O delírio é como uma onda, que sobe. Que luz se há de buscar, então, já que a eletricidade é insuficiente para destruir essas trevas?”

Jules Claretie

Realmente seria um erro irritar-se com tais adversários, pois acreditam de boa-fé e muito ingenuamente que têm o monopólio do bom-senso. O que é tão divertido quanto os singulares retratos que fazem dos espíritas, é vê-los gemer dolorosamente por esses pobres cérebros humanos, que não dão nenhum passo para o lado da razão e da verdade, porque querem, custe o que custar, ter uma alma e acreditar no outro mundo, a despeito da eloquência dos incrédulos para provar que isto não existe, para a felicidade da Humanidade; são seus pesares à vista desses livros espíritas, que se esgotam sem o concurso de anúncios, reclames e *elogios pagos* da imprensa; deste batalhão de preguiçosos da razão que, coisa desesperadora! engrossa diariamente e se torna tão formidável que é quase um exército; que nada tendo diante do

2 N. do T.: *Grifo nosso*. Calvinistas das Cevenas (Cevennes) que se rebelaram durante as perseguições que se seguiram à revogação do Edito de Nantes.

espírito para os satisfazer, são bastante tolos para recusar a perspectiva do nada, que lhes oferecem para encher o vazio. É realmente para desesperar ver esta pobre Humanidade, bastante ilógica para não achar melhor o *nada* em troca de alguma coisa, por preferir *reviver* a morrer de vez.

Estas facécias, essas imagens grotescas, mais divertidas que perigosas, e que seria pueril levar a sério, têm seu lado instrutivo, razão por que citamos alguns exemplos. Outrora procuravam combater o Espiritismo com argumentos, sem dúvida maus, pois não convenceram a ninguém; mas, enfim, bem ou mal, tentavam discutir a coisa; homens de real valor, oradores e escritores, exploraram o arsenal das objeções para o combater. Qual o resultado? Seus livros foram esquecidos e o Espiritismo está de pé. Eis um fato. Hoje ainda há alguns zombadores, do quilate dos que acabamos de citar, pouco preocupados com o valor dos argumentos, para quem rir de tudo é uma necessidade, mas não mais se discute. A polêmica adversa parece ter esgotado suas munições; os adversários se contentam em lamentar o progresso do que chamam uma calamidade, como se queixam do progresso de uma inundação que não se pode deter. Mas as armas ofensivas para combater a doutrina não deram nenhum passo à frente, e se ainda não acharam o fuzil engatilhado para o abater, não foi por não o terem procurado.

Seria trabalho inútil refutar coisas que se refutam por si mesmas. Às recriminações com que o jornal *France* faz preceder o burlesco retrato que toma do jornal americano, só há uma coisa a responder. Se a fé dos espíritas resiste à revelação dos truques e dos cordões do charlatanismo, é que isto não é o Espiritismo; se, quanto mais divulgam as manobras fraudulentas, mais redobra a fé, é que esgrimis para combater precisamente o que desaprova e ele próprio combate; se não se abalam com vossas demonstrações, é que estais por fora da questão; se quando feris, o Espiritismo não grita, é que feris na periferia e então os zombadores não estão por

vós. Desmascarando os abusos que fazem de uma coisa, fortifica-se a própria coisa, como se fortalece a verdadeira religião estigmatizando os seus abusos. Só os que vivem dos abusos podem lastimar-se, tanto em Espiritismo quanto em religião.

Contradição mais estranha! Os que pregam a igualdade social vêem, sob o império das crenças espíritas, os preconceitos de castas se apagarem, as fileiras extremas se reaproximarem, o grande e o pequeno se darem as mãos fraternalmente, e riem! Na verdade, lendo estas coisas, pergunta-se de que lado está a aberração.

Necrológio

SR. LECLERC

A Sociedade Espírita de Paris acaba de sofrer nova perda na pessoa do Sr. Charles-Julien Leclerc, antigo mecânico, de cinquenta e sete anos, morto subitamente de um ataque de apoplexia fulminante, em 2 de dezembro, no momento em que entrava na ópera. Tinha morado muito tempo no Brasil e foi ali que colheu as primeiras noções do Espiritismo, para o que o havia preparado a doutrina de Fourier, da qual era zeloso partidário. Voltando à França, depois de haver conquistado uma posição de independência por seu trabalho, devotou-se à causa do Espiritismo, cujo elevado alcance humanitário e moralizador para a classe operária ele entrevira facilmente. Era um homem de bem, estimado e lamentado por todos que o conheceram, um espírita de coração, esforçando-se para pôr em prática, em benefício de seu avanço moral, os ensinamentos da doutrina, um desses homens que honram a crença que professam.

A pedido da família, fizemos junto ao túmulo a prece pelas almas que acabam de deixar a Terra (*O Evangelho segundo o Espiritismo*), seguida das seguintes palavras:

“Caro Sr. Leclerc, sois um exemplo da incerteza da vida, pois na antevéspera de vossa morte estáveis entre nós, sem que nada deixasse pressentir uma partida tão súbita. São advertências divinas para que estejamos sempre prontos a prestar contas do emprego que fizemos do tempo que passamos na Terra. Deus nos chama no momento em que menos esperamos. Que seu nome seja bendito por vos ter poupado as angústias e os sofrimentos que por vezes acompanham o trabalho da separação.

“Fostes reunir-vos aos colegas que vos precederam e que, sem dúvida, vieram receber-vos no limiar da nova vida; mas essa vida, com a qual estáveis identificado, em nada vos deve surpreender; nela entrastes como num país conhecido, e não duvidamos que aí gozeis da felicidade reservada aos homens de bem, aos que praticaram as leis do Senhor.

“Vossos colegas da Sociedade Espírita de Paris se honram de vos ter contado em suas fileiras, e vossa memória lhes será sempre cara. Por minha voz eles vos oferecem a expressão de seus sentimentos, muito sinceros, da simpatia que soubestes granjear. Se alguma coisa suaviza nosso pesar por esta separação, é o pensamento de que sois feliz como o merecíeis, e a esperança de que não deixareis de vir participar dos nossos trabalhos.

“Que o Senhor, caro irmão, derrame sobre vós os tesouros de sua infinita bondade. Nós lhe pedimos que vos conceda a graça de velar por vossos filhos e de os dirigir no caminho do bem que havíeis seguido.”

Prontamente desprendido, como o supúnhamos, o Sr. Leclerc pôde manifestar-se na Sociedade, na sessão que se seguiu ao seu enterro. Por conseguinte, não houve nenhuma interrupção em sua presença, já que ele tinha assistido à sessão precedente. Além do sentimento de afeição que nos ligava a ele, esta comunicação devia ter o seu lado instrutivo; seria interessante conhecer as sensações que acompanham esse gênero de morte.

Nada do que possa esclarecer sobre as diversas fases desta passagem, que todo o mundo deve transpor, poderia ser indiferente. Eis a comunicação:

(Sociedade de Paris, 7 de dezembro de 1866 – Médium: Sr. Desliens)

Posso, enfim, por minha vez, vir a este mesa! Embora minha morte seja recente, já fui tomado de impaciência mais de uma vez; mas eu não podia apressar a marcha do tempo. Eu também vos devia agradecer a prontidão em cercar os meus despojos mortais e os pensamentos simpáticos que prodigalizastes ao meu Espírito. Oh! mestre, obrigado por vossa benevolência, pela profunda emoção que sentistes, acolhendo meu amado filho. Como eu seria ingrato se não vos conservasse uma eterna gratidão!

Meu Deus, obrigado! meus votos estão realizados. Este mundo, que eu não conhecia senão através das comunicações dos Espíritos, hoje posso apreciar a sua beleza. Em certa medida, experimentei as mesmas emoções ao chegar aqui, mas infinitamente mais vivas do que as que senti ao atracar pela primeira vez nas terras da América. Eu não conhecia esse país senão pelo relato dos viajantes e estava longe de fazer uma idéia de suas luxuriantes produções. Deu-se o mesmo aqui. Como este mundo é diferente do nosso! Cada rosto é a reprodução exata dos sentimentos íntimos; nenhuma fisionomia mentirosa; impossível a hipocrisia; o pensamento se revela inteiramente ao olhar, benévolo ou malevolente, conforme a natureza do Espírito.

Pois bem! Aqui ainda sou castigado por minha falta principal, a que combatia com tanto trabalho na Terra, e que tinha conseguido dominar em parte; a impaciência que tinha de me ver entre vós perturbou-me a tal ponto que já não sei exprimir minhas idéias com lucidez, embora esta matéria que outrora tanto me arrastava à cólera não mais exista! Mas, vamos, é preciso que eu me acalme.

Oh! fiquei muito surpreso com este fim inesperado! Eu não temia a morte e, desde muito tempo, a considerava como o fim da provação; mas essa morte tão imprevista não deixou de me causar um profundo abalo... Que golpe para minha pobre mulher!... Como o luto sucedeu rapidamente ao prazer! Eu sentia verdadeira satisfação em ouvir boa música, mas não pensava estar tão cedo em contato com a grande voz do infinito... Como a vida é frágil!... Um glóbulo sanguíneo se coagula, a circulação sanguínea perde sua regularidade e tudo está acabado!... Eu teria querido viver ainda alguns anos, ver meus filhos todos encaminhados, mas Deus decidiu de outro modo. Que seja feita a sua vontade!

No momento em que a morte me feriu, recebi como que uma bordoadada na cabeça; um peso esmagador me derrubou; de repente senti-me livre, aliviado. Planei acima de meus despojos; considereei com espanto as lágrimas dos meus e, enfim, dei-me conta do que me tinha acontecido. Reconheci-me prontamente. Vi meu segundo filho acorrer, chamado pelo telégrafo. Ah! bem que tentei consolá-los; soprei-lhes meus melhores pensamentos e vi, com certa felicidade, alguns cérebros refratários pouco a pouco inclinados para o lado da crença que fez toda a minha força nestes últimos anos, à qual devia tão bons momentos. Se venci um pouco o homem velho, a quem o devo, senão ao nosso caro ensino, aos reiterados conselhos de meus guias? E, contudo, eu corava, não obstante Espírito, deixando-me ainda dominar por esse maldito defeito: a impaciência. Por isso sou castigado, porque estava pressuroso para me comunicar e vos contar mil detalhes, que sou obrigado a adiar. Oh! serei paciente, mas com pesar. Estou tão feliz aqui, que me custa deixar-vos. Entretanto, bons amigos estão junto de mim e eles próprios se uniram para me acolher: Sanson, Baluze, Sonnez, o alegre Sonnez, de cuja verve satírica eu tanto gostava, depois Jobard, o bravo Costeau e tantos outros. Em último lugar a Sra. Dozon; depois um pobre infeliz, muito para lastimar, e cujo arrependimento me toca. Orai por ele, como por todos os que se deixaram dominar pela prova.

Em breve voltarei para me entreter novamente e, ficai certos, não serei menos assíduo às nossas caras reuniões, como Espírito, do que o era como encarnado.

Leclerc

Notas Bibliográficas

POESIAS DIVERSAS DO MUNDO INVISÍVEL

Recebidas pelo Sr. Vavas seur

Esta coletânea, que no último número anunciamos como estando no prelo, aparecerá na primeira quinzena de janeiro. Nossos leitores puderam julgar o gênero e o valor das poesias obtidas pelo Sr. Vavas seur como médium, quer em vigília, quer em sonambulismo espontâneo, pelos fragmentos que publicamos. Limitar-nos-emos, pois, a dizer que ao mérito da versificação elas aliam o de refletir, sob a graciosa forma poética, as consoladoras verdades da doutrina e que, a esse título, terão um lugar de honra em toda biblioteca espírita. Julgamos acrescentar-lhes uma introdução, ou melhor, uma instrução sobre a poesia mediúmica em geral, destinada a responder a certas objeções da crítica sobre esse gênero de produções.

Modificações introduzidas na impressão permitirão pô-las ao preço de 1 fr.; pelo correio, 1 fr. 15 c.

RETRATO DO SR. ALLAN KARDEC

(Desenhado e litografado pelo Sr. Bertrand, artista-pintor)

Dimensão: papel china, 35 cm. x 28 cm; com a margem, 45 cm. x 38 cm. – Preço: 2 fr. 50 c; pelo correio, para a França e a Argélia, porte e estojo de embalagem, mais 50 c. – Em casa do autor, rue des Dames, 99, Paris-Batignolles e no escritório da Revista.

O Sr. Bertrand é um dos excelentes médiuns escreventes da Sociedade Espírita de Paris e deu provas de zelo e devotamento pela doutrina. Esta consideração, aliada ao desejo de lhe ser útil, tornando-o conhecido como artista de talento, fez calar o escrúpulo, por nós tido até aqui, de anunciar a venda de nosso retrato, com receio de que nisto vissem uma presunção ridícula. Apressamo-nos, pois, em declarar que somos completamente estranhos a essa publicação, como a de retratos editados por vários fotógrafos.

UNIÃO ESPÍRITA DE BORDEAUX

A *União Espírita de Bordeaux*, redigida pelo Sr. A. Bez, momentaneamente interrompida por uma grave moléstia do diretor e por circunstâncias independentes de sua vontade, retomou o curso de suas publicações, como tínhamos anunciado, e deve ser arranjado um meio para que os assinantes não sofram qualquer prejuízo por essa interrupção. Felicitamos sinceramente os Sr. Bez e fazemos votos sinceros para que nada entrave, futuramente, a útil publicação que ele empreendeu e que merece ser encorajada.

LA VOCE DI DIO

O diretor da *Voce di Dio*, jornal espírita italiano que se publica na Sicília, informa que, por força de acontecimentos sobrevindos naquela região, e sobretudo as devastações causadas pela cólera, a cidade de Catânia, estando quase deserta, ele se vê forçado a interromper a sua publicação. Pretende retomá-la tão logo as circunstâncias o permitam.

RETIFICAÇÃO AOS EVANGELHOS DO SR. ROUSTAING

O Sr. Roustaing, de Bordeaux, dirigiu-nos a carta seguinte, pedindo a sua inserção:

Sr. Diretor da *Revista Espírita*,

Na obra que anunciastes no número da *Revista Espírita* de junho último, e *intitulada*: “Espiritismo Cristão ou Revelação da Revelação – os Quatro Evangelhos, seguidos dos mandamentos explicados *em espírito e em verdade*, pelos evangelistas assistidos pelos apóstolos e Moisés, recolhidos e postos em ordem pelo Sr. J.-B. Roustaing, advogado na Corte Imperial de Bordeaux, antigo bastonário, 3 vol., Paris, Livraria Central, nº 24, 1866”, obra que presenteei à direção da *Revista Espírita* de Paris nos meses de abril e maio últimos, que a aceitou, foi omitida na impressão, o que escapou à correção das provas, uma passagem do manuscrito. Esta passagem omitida e que está assim concebida, tem seu lugar depois da última linha da página 111 do 3º volume:

“E esta hipótese da parte dos espíritos: – Se o corpo de Jesus tivesse sido um corpo terrestre – e se os anjos ou Espíritos superiores tivessem podido torná-lo invisível, levá-lo e o tivessem levado – no momento mesmo em que a pedra foi arrancada e derrubada, seria, *a priori*, *inadmissível e falsa*; ela deve, com efeito, ser *afastada* como tal, em presença da revelação feita pelo anjo a Maria, depois a José; revelação que então seria mentirosa, que não o pode ser, emanando de um enviando de Deus, e que deve ser interpretada, explicada *segundo o espírito que vivifica, em espírito e em verdade*, segundo o curso de leis da Natureza, e não rejeitada.” (Vide *supra*, 3º vol., págs. 22-24; – 1º vol., págs. 27 a 44; 67 a 86; 122 a 129; 165 a 193; 226 a 266; – 3º vol., págs. 139 a 145; 161 a 163; 168 a 175).

Pela publicidade em vosso jornal, para levar ao conhecimento dos que leram, dos que lêem e dos que lerão esta obra, esta omissão que ocorreu na impressão, e a fim de que os que têm esta obra possam acrescentá-la a mão, na página indicada, o parágrafo acima mencionado – venho solicitar a gentileza da

inserção da presente carta no mais próximo número da *Revista Espírita de Paris*, pelo que vos agradeço antecipadamente.

Aceitai, senhor Diretor, etc.

Roustaing,

Advogado na Corte Imperial de Bordeaux, antigo bastonário.

Rue Saint-Siméon, 17

Aviso aos Srs. Assinantes

Para evitar o acúmulo das distribuições de 1º de janeiro, a Revista deste mês será expedida no dia 25 de dezembro. Além disto é dirigida a todos os antigos assinantes, com exceção dos que o são por intermediários, e cujos nomes não nos são conhecidos. Os números seguintes só serão expedidos se as assinaturas forem renovadas.

Embora seja facultado à Revista aparecer de 1º a 5, não aconteceu uma só vez este ano que ela aparecesse no dia 5. Uma verificação muito minuciosa, feita antes de cada remessa, mostrou que os atrasos na recepção não cabem à direção. Várias vezes foi constatado que se deviam a causas locais ou à má-vontade de certas pessoas, por cujas mãos passa a Revista antes de chegar ao destinatário.

Allan Kardec